

IN MEMORIAM



MONSENHOR JÚLIO DA ROSA

RECORDAR MONSENHOR JÚLIO DA ROSA

por

ARTUR TEODORO DE MATOS *

Não tivemos o privilégio de privar com Mons. Júlio da Rosa. Todavia conhecemo-lo desde a década de cinquenta do século passado, quando frequentávamos o antigo Liceu Nacional da Horta. O Padre Júlio, como então o chamávamos, era o sacerdote que ouvíamos com enlevo nos sermões em festividades da Matriz; o professor de Latim, de História ou de Português sempre que fosse necessário suprir a necessidade de leccionação destas disciplinas; um dos poucos historiadores locais que havia estudado a génese do povoamento faialense e a influência dos flamengos na ilha; enfim, a referência cultural respeitada, admirada e sempre pronta a intervir, quando a evocação de uma efeméride comemorativa recomendasse uma lembrança do passado.

Mais tarde pudemos acompanhar o seu insano trabalho na recolha de peças de arte sacra que viriam a constituir o espólio do núcleo inicial do Museu da Horta, do qual seria o seu natural e primeiro director. Mas também cedo constatamos a sua cultura e o aprofundado conhecimento da história e da cultura açoriana e, nomeadamente, da faialense.

Recordo o curso leccionado na Universidade dos Açores aos alunos do curso de História nos começos dos anos 80, sobre o povoamento flamengo do Faial. Munido de mapas especialmente elaborados para o efeito, expunha com clareza, convicção e entusiasmo, porque conhecedor das fontes que metodologicamente interpretava com a argúcia que lhe era peculiar. Actualizado sobre tudo o que se publicava sobre a história dos Açores, dispunha, na sua biblioteca, de um rico acervo açoriano que foi reunindo ao longo dos anos.

Na posse da cópia dos capítulos das visitas à ilha do Corvo, numa cópia feita pelo Padre Francisco Lourenço Jorge, iniciaria, na revista *Estrela da Manhã. Academia Mariana dos Açores*, 2 (1993) que dirigia, a publicação das primeiras visitas à única paróquia daquela ilha. Mais tarde e num gesto de

* CEPCEP da Universidade Católica Portuguesa; CHAM – Universidade Nova de Lisboa/ Universidade dos Açores.

grande generosidade, não hesitaria em mandar entregar ao Núcleo Cultural da Horta a totalidade desses capítulos para que pudessem vir a ser publicados. E, quando estava prestes a ser editado o livro onde tais fontes eram divulgadas, quis Deus levá-lo para junto de Si.

Sacerdote exemplar, homem laborioso, empenhado e simples, levou a sua longa vida fazendo o bem aos outros. Pugnou ainda para que a cultura açoriana e, especialmente, a da sua ilha, fosse preservada, conhecida e divulgada. Com o seu desaparecimento todos ficamos mais pobres, mas o seu exemplo de vida constitui estímulo para um maior compromisso por causas culturais da nossa terra.

MONSENHOR JÚLIO DA ROSA SACERDOTE E HOMEM DE CULTURA (1924-2013)

por
RICARDO MANUEL MADRUGA DA COSTA *

A 20 de Março de 1954, culminando um processo de maturação que ao longo de alguns anos mobilizara as elites da cidade da Horta e a imprensa local em particular, um grupo de cidadãos subscreveu os estatutos do Núcleo Cultural da Horta. Neste grupo que deu corpo à iniciativa contava-se o Padre Júlio da Rosa. Bastaria esta simples circunstância para que o *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* cumprisse o honroso dever de registar nas suas páginas breve nota evocando a sua memória. Porém, o envolvimento e a participação sempre muito empenhada do Padre Júlio da Rosa nas iniciativas e projectos do N.C.H., tornam-no credor desta homenagem. Relativamente ao boletim, assumido desde o início da constituição do Núcleo como prioridade, o Padre Júlio da Rosa foi seu colaborador desde o primeiro número editado em 1956. Compulsando a colecção do boletim podemos constatar que o nome do Padre Júlio da Rosa tem presença assídua entre os autores que permitiram que o boletim cumprisse a sua função na dinâmica cultural do arquipélago. Não cabendo nesta ocasião fazer o historial das vicissitudes e dificuldades porque passou o N.C.H. e, em particular, a edição regular do seu boletim, é um facto que ao Padre Júlio da Rosa, de um modo quase solitário, cabe o mérito de ter assegurado a sobrevivência da instituição. Por sua iniciativa foi possível mobilizar um grupo de gente mais jovem e renovar a vida do N.C.H. dando início a um novo ciclo da sua existência e que se tem mantido até hoje. Ao Padre Júlio da Rosa, importa sublinhar, deve-se a continuidade desta instituição tão relevante como factor de identidade local e tão prestimosa no quadro da vida cultural dos Açores.

* Editor do *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*.

Como editor do *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, que o Padre Júlio da Rosa persistentemente ajudou a manter activo e presente na nossa comunidade, apraz-me deixar registo nesta edição em que a sua memória é evocada. Julgo apropriadas as palavras que escrevi e que destinei a obra recentemente editada em homenagem que ainda em vida lhe foi prestada e à qual me associei em texto a que dei o mesmo título que encima esta nota evocativa. Porque não busco ornamentos para adorno de prosa original, fica a transcrição do texto a que me refiro.

“O Padre Júlio da Rosa, que o Vaticano elevou à dignidade de Monsenhor em 2006, faz parte de uma geração de sacerdotes ordenados no Seminário de Angra, cuja formação, privilegiando certamente a vertente teológica e pastoral, estimulava a busca de um aperfeiçoamento pessoal com particular incidência na área das humanidades. Este apuro da sensibilidade e a invulgar cultura evidenciada por muitos clérigos dessa época, definem um perfil que no Padre Júlio da Rosa encontra expressão digna do maior apreço. Abundavam os cultores da oratória sagrada, não só vibrante, mas de conteúdo denso e elaborado, e muitos padres destas gerações, a par do seu labor pastoral, contaminaram as suas comunidades – até extravasando os limites paroquiais – desenvolvendo nelas uma acção de natureza sociocultural de grande mérito e impacto. Monsenhor Júlio da Rosa tem o seu nome indelevelmente associado a esta plêiade de sacerdotes invulgares. Impõe-se mesmo sublinhar e reconhecer que a sua acção e o seu prestígio se situa muito para além dos limites da ilha que lhe serviu de berço. Este pendor de natureza cultural e de sentido cívico é bem precoce, porquanto, ainda seminarista, já era colaborador do jornal *A União*, uma faceta que ao longo da vida sempre cultivou. Há no entanto uma componente da personalidade de Monsenhor Júlio da Rosa que, justificadamente, merece ser assinalada – o seu gosto pela História comprovado pelo amplo e persistente labor como praticante da sua escrita. Esta vocação que a própria formação intelectual estimulou, revela-se certamente de forma mais viva logo nos anos cinquenta, imediatamente à sua ordenação em 1949. A constituição do “Núcleo Cultural da Horta” no ano de 1955, de que foi co-fundador, terá sido certamente oportunidade e incentivo para trazer a público boa parte dos seus trabalhos tendo por objecto a história dos Açores e da ilha do Faial em particular. Refira-se que embora a história religiosa constitua tema de parte importante do seu trabalho, a temática insular no quadro da História dos

Descobrimentos e da Expansão Portuguesas, em particular no que toca à problemática do povoamento, mereceu a sua atenção, importando sublinhar que para além da obra trazida a público em livros e revistas especializadas, uma parte não negligenciável do seu trabalho de investigador se encontra disperso por conferências e colaboração na imprensa regional. A par da sua longa e dedicada actividade pastoral, o seu perfil de homem de cultura e o conhecimento do historiador, explica certamente a sua nomeação para o exercício do cargo de director do Museu da Horta, pesando no seu labor o grande apego aos valores do nosso património. O acervo reunido na Igreja de S. Francisco, constituindo em 1965 o Museu de Arte Sacra, exprime bem esta sensibilidade esclarecida para a preservação da riqueza legada por gerações de faialenses que nesta parcela insular construíram uma comunidade.

A Fundação «Mater Dei», projecto em que vem depositando o seu entusiasmo, exprime, não apenas os anseios de um clérigo dedicado a Maria, Mãe de Deus, mas, uma vez mais, neste esforço, aflora o seu sentido social e o compromisso com a sua comunidade em que subjaz o zelo sacerdotal plasmado numa personalidade em que os valores da cultura se colocaram sempre como força estruturante de toda a sua vida.

Monsenhor Júlio da Rosa, como sacerdote e homem social e culturalmente empenhado, tem lugar merecido na galeria das personalidades que ilustram a cultura açoriana”.

